

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS ITINERANTES DA BATALHA

12 a 14 de Junho de 2009



COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS DA BIBLIOTECA ITINERANTE DA BATALHA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



Índice

Bibliotecas Itinerantes: novos desafios num tempo de mudança.....	5
Os 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha.....	6
Texto da autoria da Dr ^a Maria Helena Melim Borges.....	7
Breve síntese histórica das Bibliotecas Itinerantes em Portugal.....	8
Bibliotecas Itinerantes: o futuro ainda está longe.....	13
Entrevista a Eduardo Oliveira.....	14
Bibliotecas Itinerantes presentes no I Encontro Internacional da Batalha.....	16
Testemunhos.....	20
Ficha Técnica.....	23

Bibliotecas Itinerantes: novos desafios num tempo de mudança

A Batalha orgulha-se de contar com a primeira biblioteca móvel do país, criada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Foi, na altura, um projecto inovador, irreverente para um Portugal atrasado no tempo, ambicioso para o nível de literacia das populações. Ainda assim, o projecto vingou. Cresceu, ajudou de forma objectiva ao desenvolvimento cultural dos portugueses e marca ainda hoje um capítulo muito feliz da Fundação Gulbenkian.

Ainda hoje, 50 anos depois da sua criação, as Itinerantes são referenciadas como um dos melhores projectos culturais criados em Portugal. Pelos objectivos a que se propunham e pelo que efectivamente fizeram junto dos jovens de então, hoje Homens e Mulheres.

Os relatos dessa “geração”, alguns deles, publicados mais à frente, são bem a prova evidente do papel importante que as carrinhas móveis peçadas de livros assumiam para os rapazes e raparigas de então.

Mais de 50 anos volvidos após o arranque das bibliotecas itinerantes do nosso país, eis que a Batalha leva a efeito o I Encontro Internacional de Bibliotecas, iniciativa organizada conjunta e naturalmente, com a 8ª Feira do Livro e do Jogo.

Ao organizarmos esta iniciativa, que conta com o importante apoio da Fundação Gulbenkian, pretendemos evidenciar que a missão destas carrinhas móveis se encontra

perfeitamente válida e que as Bibliotecas Fixas (as Municipais e as Escolares), não retiram margem de manobra às Itinerantes, antes se complementam.

Temos a oportunidade, com o I Encontro Internacional de Bibliotecas, de perceber, localmente, como noutras paragens essa complementaridade existe e como se descobriram novos públicos e novas estratégias para as Itinerantes. Fábricas, centros de dia, bairros residenciais e praças públicas, são hoje locais de “captação” de novos leitores. Com efeito, e numa lógica de trabalho concertado, as Itinerantes podem e devem auxiliar com um papel activo, as redes concelhias de bibliotecas de leitura pública, articulando-se com as bibliotecas escolares.

É com base nesta importância e por acreditarmos ainda numa “esperança de vida” das bibliotecas móveis para os tempos futuros, que decidimos adquirir uma nova viatura para o Concelho da Batalha.

Cinquenta anos depois de termos recebido da Fundação Gulbenkian a primeira Biblioteca Itinerante do país, eis que novos votos se renovam e se perspectivam abordagens actualizadas ao livro, à leitura e ao conhecimento.

Aproveito estas linhas para expressar publicamente um agradecimento sentido e justo, a todos aqueles que ao longo dos anos se envolveram nos trabalhos da Biblioteca

Itinerante da Batalha. Muitos quilómetros percorridos, infinitas horas de condução, milhares e milhares de empréstimos de livros...

Certamente, e na mesma proporção, muitas histórias felizes presenciadas na primeira pessoa e, especialmente, o sentido do dever cumprido, numa missão talvez das mais nobres que existem: o da difusão da cultura. Expresso também votos de uma boa estada na Batalha a todos os participantes do I Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes.

A todos, e em especial aos bibliotecários que se deslocaram do estrangeiro, facultando com as suas viaturas novas perspectivas e abordagens da leitura ao público, o meu bem-haja.

Batalha, Junho de 2009

O Presidente do Município da Batalha
António José Martins de Sousa Lucas



Os 50 anos da Biblioteca Itinerante da Batalha

O Programa de Bibliotecas Itinerantes que a Fundação Calouste Gulbenkian pôs em marcha, apenas dois anos após a sua criação, com o sucesso que é generalizadamente reconhecido corresponde, pelos seus objectivos e pela forma exemplar como foi executado, a uma actividade que marcou até hoje a imagem da Fundação.

O enorme interesse e adesão que este Programa suscitou em todo o país, por onde rapidamente se espalhou, reflecte o acerto na escolha da promoção da leitura como área prioritária de intervenção no domínio estatutário da educação e reconhece a forma competente e rigorosa como foi executado. A procura por este tipo de bibliotecas que se deslocavam entre pontos criteriosamente seleccionados, cobriu os diversos níveis etários, mas teve, sobretudo, uma resposta mais evidente por parte dos jovens. É hoje comum encontrar depoimentos entu-

siasmados e afectuosos de quem na sua infância e juventude descobriu nas Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian o prazer da leitura, o gosto pelos livros e se habituou à rotina periódica de requisitar as obras que desejava ler ou que, tantas vezes, era aconselhado a levar pelos responsáveis em cada uma das bibliotecas e que se tornaram, em muitos casos, figuras de referência que perduram na memória de cada um desses jovens, hoje adultos.

A Batalha esteve desde o primeiro momento associada a este importante Programa da Fundação e a sua Biblioteca Itinerante, de cuja criação agora se celebram os 50 anos, foi pioneira neste movimento.

Mas a Batalha tem sabido continuar a estar na primeira linha das actividades de promoção da leitura com intervenções inovadoras, criativas e capazes de gerarem um impacto significativo nos destinatários

das acções. A este propósito, recordo que no primeiro concurso de apoio a bibliotecas públicas que a Fundação lançou no âmbito do recém-criado Programa Gulbenkian da Língua Portuguesa, a Biblioteca Municipal da Batalha foi uma das contempladas com um projecto que mereceu os maiores elogios do Júri.

Através deste Programa Gulbenkian da Língua Portuguesa criado em 2003, a Fundação Calouste Gulbenkian continua activa no domínio da promoção da leitura que constitui uma das suas áreas temáticas de intervenção prioritária. Neste quadro têm-se realizado e continuarão a realizar-se apoios a actividades formativas, ao apetrechamento e dinamização de bibliotecas as mais diversas - nelas se incluindo as bibliotecas escolares -, a estudos e actividades de pesquisa, à realização de exposições e acções de divulgação, à edição e apoio à publicação de textos e obras que estimulem a leitura, entre muitas outras iniciativas destinadas a concretizar o importante objectivo de promoção da leitura que a Fundação vem prosseguindo com alta prioridade no âmbito da sua intervenção educativa desde que foi fundada em 1956.

27 de Maio de 2009

Manuel Carmelo Rosa
Director do Serviço de Educação e Bolsas
da Fundação Calouste Gulbenkian



Falar da Biblioteca Itinerante da Batalha é recordar o Serviço de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian.

Quando, em Maio de 1958, foram apresentadas as primeiras 15 BI, na Praça Luís de Camões, em Lisboa, a número 1 era a Biblioteca Itinerante da Batalha.

Numa perfeita simbiose entre os diversos executivos da Autarquia e a Fundação Calouste Gulbenkian, foi possível fazer jus às linhas mestras da criação do Serviço: inovação, simplicidade na metodologia, rigor nos procedimentos, sempre com o objectivo de estabelecer o mais imediato contacto com o leitor.

Com a crescente procura por parte dos leitores, a BI não conseguia, numa visita, atender todos os leitores sem prejudicar o cumprimento dos horários estabelecidos, comprometendo, assim, a chegada à localidade seguinte.

Por essa razão, foi criada, na Batalha, uma “Biblioteca Fixa” que, ao longo dos anos, foi-se adaptando aos desafios que a sociedade lhe impunha.

Biblioteca Itinerante e Biblioteca Fixa, complementares e extensão uma da outra, mantiveram-se, ao longo destes 50 anos, ao serviço da população do Concelho, melhorando a qualidade dos serviços, encontrando novas formas, novos métodos, numa busca incessante de inovação e modernização.

Muito se deve à visão dos dirigentes da Autarquia, para os quais as bibliotecas são

uma prioridade, mas também à qualidade das pessoas por elas responsáveis para as quais o leitor era a sua prioridade, com o espírito de “missão”, que transforma e deixa marca nos que executam e nos que recebem.

Como se alguém regularmente, nos fosse encontrar para nos contar uma história sob a forma de livro.

Esta frase, que nos foi enviada por uma figura pública, que, em criança, foi um assíduo leitor das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, sintetiza, de forma luminosa, o trabalho desenvolvido pela Biblioteca Itinerante.

Neste caso, a Biblioteca Itinerante da Batalha.

Maria Helena Melim Borges
Directora-Adjunta do Serviço de
Educação e Bolsas
Fundação Calouste Gulbenkian

Breve síntese histórica das Bibliotecas Itinerantes em Portugal

Quando falamos das Bibliotecas Itinerantes (B.I.) e tentamos encontrar a sua história, deparamo-nos com alguma documentação e até mesmo estudos académicos já realizados que nos indicam o ano de 1953 como o início da primeira B. I. em Portugal, mais concretamente na cidade de Cascais.

O responsável por “tamanha” inovação, o escritor Branquinho da Fonseca, na altura Conservador-bibliotecário do Museu-Biblioteca do Conde de Castro de Guimarães, iniciava um projecto ambicioso de itinerância do livro, deslocando-se aos pontos mais importantes das localidades do Concelho de Cascais, com a finalidade de tornar acessível à população, de forma gratuita, o livro. Esta iniciativa isolada, veio alterar significativamente, o rumo da história das bibliotecas em Portugal.

Branquinho da Fonseca pensa no alargamento à escala nacional desta sua experiência bem sucedida e propõe à Fundação Calouste Gulbenkian, (fundada por testamento após a morte do filantropo Calouste Sarkis Gulbenkian) a criação de um serviço inovador de empréstimo de livros, idêntico ao que tinha criado em Cascais, através da implementação de uma rede de bibliotecas circulantes que chegasse a todo o país, incluindo as ilhas.

É então, em 1958, criado o Serviço de Bibliotecas Itinerantes (S.B.I.) da Fundação Calouste Gulbenkian, que o escritor dirige durante cerca de 16 anos, emergindo um serviço de leitura pública moderna.

Este serviço dirigia-se a todo o país, com

excepção dos grandes centros urbanos e a sua acção incidia, principalmente, junto das populações do interior do país, com grande expressão nas localidades rurais com maiores dificuldades no acesso ao livro, à educação e à cultura.

Pretendia-se com este projecto, fazer chegar o livro a todos aqueles que, por diversas razões não o procuravam, por falta de condições financeiras, ou limitados por distâncias geográficas. “...quando o homem, por qualquer motivo, não se interessa pelo livro e não busca a sua convivência, o livro tem de procurar e interessar o homem, para o servir, quer instruindo-o quer recriando-o”, escrevia em 1961, no Boletim nº 5, o Presidente da Fundação Gulbenkian.

Os livros chegavam às localidades, nas bibliotecas itinerantes, pela mão de homens cultos e de sabedoria que sentiam o dever de provocar ao leitor (ou ao futuro leitor) a “sede” da leitura. Ofereciam-se, assim, livros de distração e cultura, dando-lhe a oportunidade de aceder a obras relacionadas com os seus diversos interesses.

Num contexto político adverso, Portugal confrontava-se com a inexistência de uma cultura de educação junto das populações, com alarmantes índices de analfabetismo, mais visíveis e acentuados nas localidades do interior do país.

É a Fundação Gulbenkian que, com a implementação das Itinerantes, procura colmatar o alarmante fosso existente nesta área. As carrinhas-biblioteca passam então a chegar aos lugarejos mais distantes do

Portugal rural, procurando conciliar os percursos e os horários de funcionamento com as disponibilidades e necessidades da população.

Esta preocupação, constante dos S.B.I da Fundação, pode constatar-se através da Circular nº 8, de 1959, enviada aos responsáveis das B.I. afirmando-se que: «Com a intensificação dos trabalhos agrícolas verificar-se-à a necessidade de ajustar o horário de serviço das bibliotecas às conveniências da população rural, pois que, em muitas localidades, os leitores não poderão ir à biblioteca antes do fim da tarde.²»

Cerca de dois mil volumes, devidamente assinalados e estrategicamente arrumados, (de acordo com as idades do público a que se destinavam, assuntos e grau de complexidade), seguiam sobre rodas por caminhos, muitos deles tortuosos, permitindo que crianças, jovens e adultos tivessem a possibilidade de acederem aos diversos géneros de publicações, ainda que nem sempre este acesso fosse possível, quer pelas características do serviço, quer pela orientação política do regime de então. Atente-se na seguinte citação, retirada da circular nº1 de 1958, cujo teor, obviamente dissimulado, alerta para que «...as bibliotecas itinerantes têm características fundamentalmente populares, não podendo, pela sua intenção e orgânica, comportar obras eruditas, de especialização científica, ou em línguas estrangeiras.³»

Asseguravam o funcionamento destas unidades móveis, um Auxiliar e um

Encarregado, responsável pela biblioteca. Pessoas cultas, como já referido, com grande formação cívica e cultural, que aconselhavam o utilizador nas suas pretensões de leitura, procedendo ao empréstimo dos livros de acordo com os diversos pedidos.

Sobre o Encarregado, recaía, entre outras, a função da orientação da leitura em cada caso particular, com a maior atenção e solicitude, de maneira que a acção das bibliotecas correspondesse aos fins educativos, culturais ou simplesmente recreativos, para que tinham sido criadas. Curioso, é analisarmos o papel solícito, confiado ao Encarregado que sugeria o conselho simpático e afável e nunca a imposição da leitura de qualquer obra, nem a recusa do seu empréstimo aos leitores. Ainda assim, na circular nº 140, remetida aos encarregados em 1971, elucidava-se que «só pode ser recusado o empréstimo das obras assinaladas com fita vermelha na capa da frente e isto quando se considere que o leitor requisitante não tem a formação moral e o desenvolvimento intelectual necessários para a boa compreensão dessas obras... às crianças só podem ser facultados os livros marcados com fita verde. Aos adolescentes poderão ser emprestados, além dos livros com fita verde, aqueles que, seleccionados para adultos (fita cor de laranja), estejam classificados como muito fáceis ou fáceis.⁴»

A gestão das colecções recaía sob o Serviço de Bibliotecas Itinerantes, regida por critérios bem definidos e efectuada na própria Sede da Fundação, em Lisboa. A publicação

do catálogo, regularmente actualizado, dava conta do acervo existente, verificando-se a preocupação em atender pedidos de outras leituras, tais como informação ou manuais de estudo.

Assim, ao longo de cinco décadas, milhares de quilómetros foram percorridos num Portugal cinzento e mais de 97 milhões de obras literárias foram requisitadas.

Fazemos, obviamente, referência à Biblioteca Itinerante da Batalha, numerada pela Gulbenkian com o nº1, sendo umas das primeiras a ser inaugurada⁵ (entre Junho a Dezembro de 1958). De acordo com os dados da Gulbenkian⁶, foram emprestados por esta Biblioteca, só no ano de 1961, 66.215 obras, tendo o número de leitores inscritos dois anos depois, chegado aos 12.228.

Mas não se pense que toda a história das Bibliotecas Itinerantes se reveste de facilidades e que o processo de levar o livro/conhecimento à população foi sempre conseguido de forma harmoniosa.

Através da leitura do artigo de Daniel Melo intitulado *As Bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura Pública em Portugal*, retiramos o seguinte excerto: “No arquivo da PIDE/DGS localizou-se um processo relativo à F.C.G. e que contém alguns dos casos que a PIDE e a PSP trataram durante 1960-1963 e que envolvem a perseguição a funcionários das bibliotecas itinerantes da FCG(...) foram vigiados, perseguidos e denunciados (...) por suposta possibilidade de distribuição de propaganda através dos carros-biblioteca, pela suposta postura

política”. É ainda de referenciar, de acordo com o mesmo artigo, a resistência, de algumas populações rurais fechadas, à novidade da leitura e de um serviço gratuito (durante o período inicial dos serviços).

Como facilmente constatado, a acção da Gulbenkian foi crucial na implementação e na promoção da leitura pública, num Portugal cuja cultura estava concentrada nas elites. Contudo, o apoio e a colaboração de diversas entidades nacionais, facilitou todo este percurso. Em três anos, o país foi praticamente coberto pelo exercício da actividade das B.I. e nesta sequência, foram também surgindo as Bibliotecas Fixas (B.F.). Em Agosto de 1960, já existiam 26⁷, instaladas nalgumas localidades e que prestavam apoio às unidades móveis, permitindo um maior equilíbrio na distribuição dos serviços a nível nacional, colmatando as necessidades sentidas em satisfazer o público leitor, dando aos estudantes, na execução dos seus trabalhos, diversos meios que não detinham nas Itinerantes.

É com 62 unidades móveis e 166 unidades fixas que a Gulbenkian dá, esta rede, como “concluída” no ano de 1972.

Em 1983 o Serviço de Bibliotecas Itinerantes que contemplava um serviço de unidades Fixas é redenominado Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas (SBIF).

Na década de 80, o declínio desta rede de bibliotecas e a sua obsolescência, devido à ausência de uma estratégia sólida de investimento nos serviços, o panorama so-

cial de baixos índices de alfabetismo e a inexistência de uma preocupação política referente à questão das bibliotecas públicas, força a tomada de uma posição de vários profissionais da área.

Foi, então, publicado o *Manifesto da Leitura Pública em Portugal* que continha diversas apelações ao poder político e à opinião pública referenciando as diversas lacunas existentes, nomeadamente os espaços inadequados das bibliotecas e a ausência da prática de leitura pública.

Iniciava-se, fruto desta ampla discussão, em 1987, o Programa Nacional de Leitura Pública (P.N.L.P) com o objectivo de dotar o país de adequadas instalações, onde deveriam funcionar bibliotecas públicas em estreita colaboração com as Autarquias.

Vergílio Ferreira, director do SBIF de 1981 a 1996, foca a sua acção no incentivo e na animação da leitura, verificando-se uma “explosão” de actividades relacionadas com a promoção do livro e da cultura (exposições, seminários, colóquios, encontros com escritores).

Fazia sentido, deste modo, designar o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas, com uma nova denominação, dada a actualização da estratégia de apoio à leitura empreendida. Assim, em 1993, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian passa a denominar-se SBAL – Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura.

A Fundação Calouste Gulbenkian extingue, em 2002 este serviço, sendo entregues aos Municípios as unidades móveis e fixas, bem

como a totalidade do seu espólio.

Algumas Itinerantes encerraram, desta forma, os serviços, deixando marginalizadas algumas localidades mais desfavorecidas. Constatada a lacuna, as Autarquias assumem o compromisso de alterar esta realidade e fazem ressurgir o serviço móvel de empréstimo.

Renascem, por força deste investimento público, novas e modernas Bibliotecas Itinerantes, sob as mais diversas e inovadoras formas. Chamam-se agora “bibliomóveis” ou “bibliobus”, apresentam-se melhor apetrechadas, com modernos sistemas informáticos e multimédia, prestando serviços inovadores e diversificados. Satisfazem novas necessidades informativas, formativas e culturais. Chegam rapidamente a um maior número de utilizadores e alargam, assim, o seu espectro de actuação.

Acompanhando a mudança e a evolução da sociedade, as Bibliotecas Itinerantes fazem ainda parte de muitos e muitas portuguesas que cresceram com elas.

Uma história feliz e um projecto que marcou e marcará, para sempre, o acesso e a difusão da cultura junto das populações.

Anabela Rodrigues com
Rui Borges Cunha.

Referências bibliográficas

MELO, Daniel – As Bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura em Portugal (1957-1987) [em linha] [consultado em 04/05/09]. Disponível em formato PDF.

NEVES, Rui – Bibliotecas em movimento. As bibliotecas móveis em Portugal [em linha] [consultado em 05/04/09]. Disponível em <http://www.bibliobuses.com/documentos/ruineves.pdf>.

SERVIÇO de Bibliotecas itinerante e fixas: boletim informativo. Ed. António Branquinho da Fonseca. Nº 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960.

SERVIÇO de Bibliotecas itinerante e fixas: boletim informativo. Ed. António Branquinho da Fonseca. Nº 5. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.

SERVIÇO de Bibliotecas itinerante e fixas : boletim informativo. Ed. António Branquinho da Fonseca. Nº 6. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

1 Palavras proferidas pelo Presidente da Fundação Gulbenkian, retiradas do Boletim Informativo nº 5, de 1961, do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da F.C.G., na reprodução de parte do Relatório do discurso inaugural da 1ª série de Bibliotecas.

2 Circular nº 8 da Fundação Calouste Gulbenkian, de Junho de 1959.

3 Circular nº 1 da Fundação Calouste Gulbenkian, de Setembro de 1958.

4 Circular nº 140 da Fundação Calouste Gulbenkian, de 16 Junho de 1971.

5 Não conseguimos encontrar qualquer tipo de documentação que nos prove a data certa de inauguração desta Biblioteca. Pelos documentos existentes podemos falar no período de Junho a Dezembro como a data do início da sua actividade.

6 Boletim informativo nº 6, de 1962, do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da F.C.G.

7 Boletim informativo nº 1, de 1960, do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da F.C.G.

Bibliotecas Itinerantes: o futuro ainda está longe...

O processo de conclusão da Rede de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian (F.C.G.) é terminado em 1972, totalizando-se, à data, no território continental e nas ilhas, 62 unidades móveis e 166 bibliotecas fixas.

Como já referido no texto anterior, as bibliotecas móveis são introduzidas em 1958, pela F.C.G. na sequência de uma experiência realizada em Cascais pelo grande homem das letras e da cultura, Branquinho da Fonseca. Viu o escritor com as itinerantes, e face às características do Portugal de então, uma excelente oportunidade para a generalização da leitura e do conhecimento, ainda que o arranque do mesmo merecesse por parte de algumas elites políticas e culturais de então algumas suspeitas. Contrariando todos os cepticismos, as itinerantes foram cobrindo cada vez mais itinerários, abrangendo sucessivamente um maior número de população e efectuando números de empréstimos que ainda hoje impressionam. Mais de cinquenta anos depois do início deste projecto, muito se escreveu e mais se falou sobre os feitos inquestionáveis e o papel importante que estas carrinhas tiveram para a alfabetização de um povo. O tema das bibliotecas itinerantes tem, inclusivamente, suscitado interesse para a realização de diversos trabalhos académicos, vídeos, reportagens, entre outros elementos de estudo.

Cinquenta anos depois, é fácil percebermos que as itinerantes continuam a carregar, junto daqueles que usufruíram dos seus préstimos, enorme popularidade e simpatia, granjeando um papel que une a seriedade e a eficácia na difusão do conhecimento, na partilha da cultura e, não menos importante, no garante da acessibilidade do livro e das letras.

É tempo de olharmos para os próximos anos das bibliotecas itinerantes. Não direi cinquenta, seguramente, porque a “velocidade” do desenvolvimento e o ritmo avassalador que caracteriza a nossa sociedade, anulariam, decerto, qualquer exercício de “futurologia”.

Mas, com os cuidados fundamentais, creio que será a todos perceptível o surgimento de novas abordagens e de aliciantes desafios para as “carrinhas” do Século XXI. Espaços de convívio e lazer, apetrechadas com os mais recentes equipamentos multimédia, disponibilizando aos utilizadores (não apenas leitores...) um lista infindável de recursos que junto destes, gerem conhecimento e propiciem novas fronteiras do saber. Dos mais novos aos mais velhos, dos mais qualificados aos cidadãos socialmente desfavorecidos, no interior e nos centros urbanos, creio que novos públicos e novas abordagens chegarão às itinerantes, agora comumente designadas de bibliomóveis.

Convido todos os participantes deste I

Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes da Batalha a descobrirem e a renovar o seu interesse pelo enorme potencial que estes super-veículos apresentam para o nosso presente e futuro. Atentemos com atenção, ao trabalho de qualidade, metódico e proactivo que decorre nalgumas viaturas que se encontram entre nós. Os públicos a que se dirigem, os locais que frequentam, as horas em que algumas actividades se desenrolam, os dados que monitorizam....

Da condição de simples repositório de livros, as bibliotecas itinerantes são hoje espaços móveis, cómodos, com excelentes recursos para a difusão da cultura nas suas mais diversas abordagens.

Estou certo que o futuro destes veículos continuará a fazer muito pela cultura e pela difusão do conhecimento. Na rua e em bares, em hospitais e centros de dia, em fábricas, em escolas naturalmente, mas também fora delas, é longa a “esperança” de vida das bibliomóveis. A todos os colegas presentes neste Encontro de Bibliotecas Itinerantes, que espero possa contribuir para concretizar novos desafios e abordagens actualizadas, agradeço a presença. Ao Roberto Sotto, ao Rui Neves e ao Ian Stringer, o meu muito obrigado por todo o apoio prestado nesta organização.

Rui Borges Cunha

Chefe da Divisão da Educação, Cultura e Desporto do Município da Batalha

“Visitávamos três a quatro aldeias por dia...”

Eduardo Oliveira, o primeiro Encarregado da Biblioteca Itinerante da Batalha, falou-nos sobre os mais de trinta anos de actividade que desenvolveu ao serviço da leitura e do livro.

Conta, na primeira pessoa, como era importante nalgumas localidades, falar primeiro com o Padre ou com Presidente da Junta para que recomendassem a frequência da Itinerante. Num tempo muito diferente do de hoje, num Portugal onde o número de analfabetos representava a parcela mais significativa da população, eis que nas aldeias e lugarejos, o livro, com as Bibliotecas Itinerantes, passa a estar disponível.

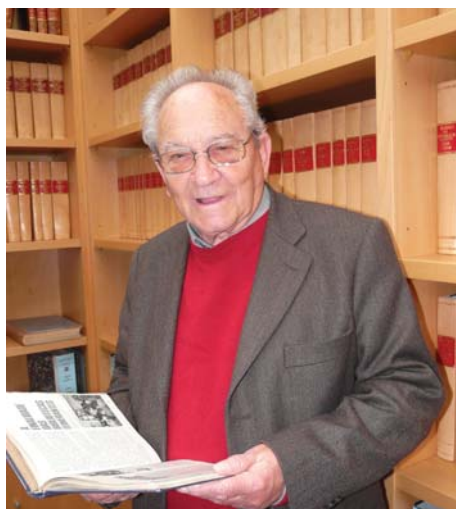
O vento e o frio nas noites de Inverno e o calor no Verão, não conseguiram demover Eduardo Oliveira na sua missão de promover a leitura.

Assim o consegui e, por essa mesma razão, esta entrevista aconteceu.

Como é que a Biblioteca Itinerante (B.I.) veio para a Batalha?

Eduardo Oliveira - Um dia telefonaram do Serviço de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian para a Câmara da Batalha, perguntando se havia possibilidade de arranjar alguém que tomasse conta de uma Biblioteca Itinerante temporariamente, numa fase experimental e se a Câmara disponibilizava instalações para o depósito dos livros e recolha da viatura.

O Chefe da Secretaria de então, mesmo sem consultar o Sr. Presidente da Câmara, demonstrou logo interesse pela proposta dizendo que havia de se arranjar qualquer coisa, o que aconteceu depois de



conversa superior.

Falou então comigo e com o Sr. António Pinheiro Correia, aferidor da Autarquia na altura e perguntou-nos se estávamos dispostos, em horário pós-laboral, a fazermos este trabalho. Aceitámos logo e ali combinámos uma data para a entrega da viatura.

Recordo-me que o mais difícil em todo o processo foi arranjar uma garagem para a carrinha. Mas como a Câmara tinha todo o interesse em que a biblioteca viesse para a Batalha, lá se encontraram as ditas instalações, disponibilizando também o segundo andar do então edifício dos Paços do Concelho, na Praça Mouzinho de Albuquerque para o depósito dos livros.

Houve alguma cerimónia assinalando a entrega da Biblioteca Itinerante na Batalha?

Eduardo O. - Não houve. Os representantes dos serviços de Bibliotecas Itinerantes, com a presença do Dr. Branquinho da Fonseca, fundador entusiasta das Itinerantes e seu director, vieram à Batalha e, sabendo no local quem eram as pessoas que iriam ficar responsáveis pela carrinha, fizeram a entrega da mesma. Um acontecimento realizado sem protocolo. Quem mais ficou responsável pela Biblioteca

Itinerante, para além do Sr. Eduardo Oliveira e do Sr. António Pinheiro Correia?

Eduardo O. -Um leitor que teve conhecimento da existência da Biblioteca Itinerante da Batalha que apareceu, requisitou livros e começou a conversar com o Dr. Branquinho da Fonseca. Como se mostrou uma pessoa muito interessada pela leitura, o então Director dos Serviços de Bibliotecas Itinerantes, convidou-o para Ajudante. Chamava-se José Magno Pereira Grosso, que mais tarde foi encarregado de uma itinerante da área de Lisboa, tendo-se formado e exercido funções de professor.

Fomos, assim, os três responsáveis por esta missão, eu como Encarregado, o Sr. António como Motorista e o Sr. José Magno como Ajudante.

Houve alguma explicação de como se fazia o empréstimo dos livros e de como funcionaria a Biblioteca Itinerante?

Eduardo O. -Isso foi-nos explicado ali naquele dia... Foi-nos dada uma breve explicação.

Aliás, era simples: os livros estavam classificados segundo a CDU (Classificação Universal Decimal) e arrumados por género e idades. Os utilizadores chegavam à biblioteca, preenchiam um cartão de inscrição com o nome, idade, profissão, habilitações, morada e outros dados pessoais.



O Cartão de Encarregado da Biblioteca Itinerante

Nós emitíamos um cartão de leitor com o respectivo número que entregávamos ao futuro leitor. Depois desta formalidade, o utente do serviço escolhia os livros e podia fazer a sua requisição. Cada leitor podia requisitar até 5 livros.

Recorda-se da primeira saída da biblioteca itinerante?
Eduardo O. - A primeira terra que nós atendemos foi, naturalmente, a Vila da Batalha. No início os Serviços da Fundação entregavam-nos os itinerários já predefinidos. Mais tarde, propusemos algumas adaptações, porque conhecíamos a realidade e estávamos no terreno. Tornamos os itinerários mais funcionais. Visitávamos três a quatro aldeias por dia, dependendo do número de leitores.

Em média, quanto tempo dispendiam numa volta?
Eduardo O. - Inicialmente saíamos às sete e chegávamos às dez da noite. Ao Sábado saíamos às três da tarde e regressávamos às sete. Aos Domingos era das nove da manhã às seis da tarde. Trabalhávamos ao Domingo e descansávamos à Segunda-Feira. A nossa área era bastante grande e abrangia os concelhos da Batalha, Porto de Mós, Leiria, Ourém, Alcobaça, Alcanede, Marinha Grande, Nazaré e Caldas da Rainha.

Que tipo de livros eram mais requisitados e que tipo de leitor frequentava a Biblioteca?

Eduardo O. - Dependia das terras. Nas aldeias, os leitores que mais frequentavam a Itinerante eram os alunos das escolas, não só da antiga Primária mas também do Secundário. Levavam os livros para crianças conforme as idades e para adolescentes. Se nos apercebêssemos que o leitor era um estudante mais “evoluído” deixávamos levar outro tipo de livros.

Como era feita essa avaliação? Era apenas pela vossa sensibilidade e pelo contacto com o leitor?

Eduardo O. - Essa avaliação era feita com base nos dados das fichas de inscrição, onde o leitor

mencionava o grau de escolaridade. Com o tempo, passávamos a conhecer melhor o leitor.

Nas aldeias o público era eminentemente infantil e juvenil. E nos outros locais?

Eduardo O. - Nos outros locais, para além do público infantil e juvenil, tínhamos também o adulto, aquele indivíduo que já sabia o que queria ler. Fazia o pedido e se não tivéssemos o livro que pretendia, elaborávamos uma requisição que enviávamos para Lisboa. Muitas vezes não vinham, porque faziam parte dos livros proibidos e, como tal, não disponíveis.



Passaram 50 anos após a chegada da Biblioteca Itinerante à Batalha. Assistiu literalmente à chegada da Biblioteca e faz, indubitavelmente, parte da sua história. Qual é a avaliação que faz deste projecto de promoção à leitura?

Eduardo O. - Na altura, quando chegávamos às localidades, havia uma certa relutância do público em ir à Biblioteca. Adoptei depois o sistema de falar previamente, com algumas pessoas, nomeadamente com os Padres e os Presidentes das Junta de Freguesia. Como eram pessoas respeitadas, gozando de grande prestígio, davam credibilidade ao nosso serviço. Normalmente, depois dessas abordagens, o público

aderia e usávamos esta estratégia repetidamente. Recordo-me que os horários eram também uma condicionante na ida à biblioteca. Durante o horário pós-laboral, notava-se uma certa afluência, no horário da tarde (14h00 às 18h00), poucos leitores nos visitavam, pois era o horário de funcionamento das Escolas e o horário de trabalho. Foi um projecto formidável na altura, durante 30 anos e até à década de 80. O período da revolução teve bastante influência no ir à biblioteca. Contudo, e a partir de certa altura, porque as escolas e as associações nas aldeias passaram a ter as suas próprias bibliotecas, deixaram de ter a frequência que tinham.

Há alguma história especial que guarda do tempo que andou na Biblioteca Itinerante?

Eduardo O. - Há uma coisa de que me lembro muito bem (risos...) com estas carrinhas, que não tinham ar-condicionado passámos muito frio e muito calor. Andar por lá, pelo alto da serra até às nove ou dez da noite, não era fácil. O motorista era uma pessoa competente e percebia de mecânica, o que nos deixava mais descansados.

Lembro-me de uma ocasião, estávamos em Alvalados, na serra e começou a trovejar e a relampejar. Fazia muito vento e o carro abanava por todo o lado. Tivemos muito medo...

Após o 25 de Abril, fomos para a Nazaré e fomos intersectados pelas brigadas populares que revistaram o carro todo e desmontaram algumas estantes, julgando que transportávamos armas.

Ainda hoje, o público se lembra de si como Encarregado da Itinerante?

Eduardo O. - Sim. Às vezes vou a passar e as pessoas perguntam-me: “olhe, você não andava na carrinha da biblioteca...?”. Ainda oiço muito este comentário!

Bibliotecas Itinerantes presentes no I Encontro Internacional da Batalha

Batalha

A Biblioteca Itinerante da Batalha há várias décadas que vem prestando um importante serviço de promoção da leitura junto dos estabelecimentos de ensino do Concelho da Batalha.

São princípios da Biblioteca Itinerante da Batalha a descentralização cultural ao divulgar o livro e promover a leitura junto das populações mais afastadas da sede do Concelho, contribuir para a formação integral e o bem-estar da população e o reforço do direito de todos, ao acesso à cultura.

A Biblioteca Itinerante passou, também, numa lógica de complementariedade da Biblioteca da Batalha e do Polo de São Mamede, a desenvolver acções nas Instituições de Solidariedade Social do Concelho.

Em 2009, a viatura vai ser substituída por uma nova carrinha, mais moderna, com maior funcionalidade e apetrechada com equipamento informático.



Marvão

A Biblioteca Itinerante do Concelho de Marvão surgiu por iniciativa do Projecto de Luta contra a Pobreza, em 2003.

Nessa altura, a Biblioteca circulava às Quartas-feiras já por várias localidades do Concelho, numa carrinha pequena e adaptada às necessidades

O sucesso inicial da Biblioteca fez com que o Projecto apostasse nesta ideia e foi assim que foi adquirida a carrinha actual, um computador portátil e também muito do actual material livro e não livro.

A nova carrinha começou a circular em Dezembro de 2004 e só parou nos meses de transição para a Câmara de Marvão (quando o Projecto terminou).

Desde Abril de 2006 que esta viatura circula de 15 em 15 dias por cerca de 10 localidades.

Conta com cerca de 350 sócios e realiza uma média de 300 empréstimos mensais. A catalogação e o empréstimo são informatizados.



Comunidade de Madrid

A Biblioteca Itinerante da Rede de Bibliotecas da Comunidade de Madrid faz parte de uma frota de 13 veículos completamente renovada, gerida pela Subdirecção Geral de Bibliotecas e do Livro. Os veículos têm 10 metros de comprimento e contam com características inovadoras e modernas, nomeadamente a posição posterior do motor, o auxílio de geradores como fonte de energia e uma plataforma de acesso para cidadãos portadores de deficiência motora. De 2003 até à actualidade, adquiriram-se sete viaturas.

Desde o ano da sua fundação, 1986, o Serviço que gere esta frota vem apostando em estratégias inovadoras de dinamização da leitura, essencialmente em zonas periféricas mais desfavorecidas da Comunidade de Madrid, mas também em municípios de pequena dimensão territorial e nalguns núcleos da área metropolitana da capital espanhola.

A frota dos 13 veículos cobre 142 municípios, incluindo a capital, fazendo um total de 211 paragens. A par do empréstimo domiciliário, estes veículos acolhem diversas iniciativas, tais como exposições, acesso a televisão, visitas a escolas, entre outras.



Loulé

Trata-se de uma carrinha provida com um fundo de dois mil documentos, entre livros e audiovisuais, onde a população pode fazer consultas ao material disponível, bem como requisitá-lo.

O acesso às novas tecnologias é outra das componentes do Bibliomóvel de Loulé, que integra dois postos de Internet e sistema sem fios para os utentes que pretendam usar os próprios computadores portáteis no local.

Para além disso, é também possível a leitura de periódicos nesta biblioteca.

Fomentar e assegurar a satisfação das necessidades de informação, educação, cultura e lazer dos cidadãos, sobretudo dos munícipes das zonas rurais mais distantes da sede do Concelho, constituem os principais objectivos desta itinerante.



Mealhada

A Biblioteca Itinerante da Mealhada foi apresentada publicamente em Novembro de 2007, pelo respectivo Município, com o intuito de dotar as freguesias daquele concelho com cerca de 21.000 habitantes, de um serviço de acesso à leitura. Trata-se de uma biblioteca móvel que oferece semanalmente o empréstimo de publicações em papel e multimédia, assim como o acesso público à Internet. Desenvolve o seu trabalho junto de estabelecimentos de ensino, centros de dia, entre outros, mediante a distribuição de malas e cestas temáticas.

Diferente das demais bibliotecas itinerantes, este veículo resulta da adaptação e transformação de um antigo autocarro de passageiros, que os técnicos do município converteram exemplarmente, num projecto que abrangeu toda uma equipa motivada.

No seu interior, e para além das publicações existentes, contam-se espaços para a leitura e a audição de música, postos informáticos de utilização pública e um pequeno anfiteatro para o visionamento de filmes.



Léon

O Serviço de Bibliotecas Itinerantes de Léon foi criado em 1974 com um veículo, que visitava na altura 122 localidades, detendo nesse ano, 3.690 usuários. O segundo veículo chegou em 1977, o terceiro em 1987, o quarto no ano seguinte, o quinto em 1991 e o sexto no ano de 1993. A actual frota é constituída por 6 veículos.

O serviço de Bibliotecas de Léon conta, desde 1988, com duas sedes geográficas: a cidade propriamente dita, onde operam quatro viaturas e as duas restantes, nas localidades de Jefatura e Ponferrada.

O empréstimo de publicações, a orientação, a informação aos leitores e a dramatização da leitura constituem a principal base de trabalho. Em 2008, todas as viaturas da frota foram apetrechadas com uma secção audiovisual e informática.

Recitais de música tradicional, espectáculos de magia e diversos concursos, são algumas das actividades organizadas pelo Serviço de Bibliotecas móveis, que conta com um sistema de gestão da base de dados completamente informatizado e em rede.

Em 2008, estavam registados 24.046 utilizadores.



Lisboa (1)

Em Janeiro de 1961 o Município de Lisboa, sob a presidência do Marechal França Borges, inaugurou as primeiras duas Bibliotecas Itinerantes, ampliando o serviço de leitura ao ar livre das bibliotecas de jardim já existente desde 1937.

Atendendo ao sucesso que despertaram, em que 25757 leitores requisitaram 63769 livros, adquiriu logo de seguida mais uma viatura e pouco tempo depois, em Julho de 1965 começou a funcionar uma quarta.

Incluídos no acervo inicial livros de formação moral e espiritual, de estudo, instrução técnico-profissional, de divulgação histórico-científica, de ficção e de poesia, devidamente registados e catalogados.

Estas quatro Bibliotecas Itinerantes, destinavam-se a percorrer todos os bairros de Casas Económicas e outros mais populosos e fazer com que um número cada vez maior de pessoas se interessasse pela leitura e pudesse ler e aprender gratuitamente. Em 1965, percorriam 48 locais com quatro itinerários distintos, de 2ª a sábado das 15 às 20 horas.

Na década de 80 as viaturas foram deixando de funcionar e substituídas nos anos 90, por duas novas viaturas e mais recentemente, por uma nova biblioteca.



Montijo

O serviço de extensão bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal do Montijo foi criado em 1998. A criação deste serviço vem ao encontro da missão da biblioteca pública municipal, e também, da política municipal para a leitura pública e informação, que é disponibilizar o acesso a serviços bibliotecários, colecções, programas e instalações/equipamentos de excelência que proporcionem o enriquecimento da população. Deste modo, foi adquirido uma viatura pesada tipo furgão, a qual foi transformada de raiz como serviço móvel motorizado, o *Bibliobus*.

O *Bibliobus*, mediante visitas em cada três semanas, aos estabelecimentos de ensino com paragens de cerca de uma hora, disponibiliza o serviço de orientação e apoio à leitura, o serviço de empréstimo domiciliário das diferentes colecções documentais, o acesso à internet, a acessibilidade a pessoas com deficiência. O serviço é operacionalizado por profissionais de documentação e informação e tem a sua base de apoio na biblioteca central e a viatura. Decorrente das dinâmicas criadas junto da população e inseridas no programa municipal de incentivo à leitura (reforçado com o P.N.L.) são realizadas acções de extensão cultural e animação da leitura. No ano 2008 o serviço abrangeu um universo de 670 leitores inscritos e emprestou 23.000 documentos.



Porto de Mós

O Bibliomóvel da Câmara Municipal de Porto de Mós é uma pequena biblioteca itinerante que constitui uma extensão da Biblioteca Municipal.

Destinado a servir a população que vive nas localidades mais afastadas da sede do concelho, está direccionado preferencialmente para Jardins de Infância, Escolas do 1º. Ciclo do Ensino Básico, Lares e Centros de Dia.

Iniciou a sua actividade em 2005 e o número de volumes emprestados tem vindo a aumentar de ano para ano, com uma média anual de 12.000 volumes.

Associado a este conceito de itinerância, o Bibliomóvel presta ainda um outro serviço, nomeadamente a distribuição de Bibliocaixas, pelas diferentes instituições que visita regularmente e de acordo com uma calendarização anual. Ao longo do ano desenvolvem-se também algumas actividades de promoção do livro, tais como a leitura e a dramatização de contos. Deste modo, fomenta-se o gosto pelo livro e pela leitura, criam-se futuros leitores e desenvolvem-se competências de literacia, pois acreditamos na capacidade destes em continuarem vivos e presentes no dia-a-dia.



Proença-a-Nova

Na génese desta Bibliomóvel encontra-se uma candidatura do Gabinete de Acção Social do Município de Proença-a-Nova, em parceria com a Santa Casa da Misericórdia da Sobreira Formosa, ao PROGRIDE - projecto de apoio e luta contra a pobreza e a exclusão social, da Segurança Social.

A Bibliomóvel iniciou as suas andanças por estradas do concelho de Proença-a-Nova durante o mês de Junho de 2006.

Ao longo do percurso semanal efectuado, que inclui: vinte e quatro aldeias, dois Jardins-de-infância, três escolas EB1ºCiclo e dois Centros de Dia, tem procurado deixar, através dos seus recursos bibliográficos e humanos, antídotos contra o isolamento e a solidão de que padecem a grande parte das populações, maioritariamente idosas deste concelho.

Conta actualmente com 188 leitores e, entre outros, desenvolve o projecto Maletas - Mala das Letras - Serviço de apoio bibliotecário aos Centros de Dia dos Montes da Senhora e Sobreira Formosa.



Lisboa

A Biblioteca Itinerante de Lisboa foi inaugurada em 2007 e a sua aquisição inseriu-se numa lógica de investimento feito na modernização da rede de leitura pública das Bibliotecas Municipais de Lisboa, que fez com que estes veículos recriassem o entusiasmo das primitivas Citroën, tão carinhosamente recordadas pelos munícipes.

A nova viatura, de maiores dimensões e com um visual mais atraente, está agora adequada às exigências de hoje, equipada com uma biblioteca em livre acesso de temática variada e um serviço multimédia. Dispõe de dois computadores para o público e outro para o serviço de empréstimo, bem como impressora de talões e outra de cartões de leitor. Integrada na rede das BLX, beneficia do empréstimo interbibliotecas. Permite desenvolver programas de aprendizagem ao longo da vida, nomeadamente de aquisição das competências básicas em informática.

As Bibliotecas Itinerantes estacionam em 14 locais de acordo com o itinerário, onde se deslocam de 15 em 15 dias.



Testemunhos...

Ao longo de várias décadas, a Biblioteca Itinerante da Batalha deixou o seu legado em várias gerações. Homens e Mulheres, velhos e novos, descobriram o prazer da leitura e do livro, com este serviço móvel. A “velha carrinha”, como ternamente ainda é apelidada, marcou sem dúvida, muitos batalhanses. Aqui ficam alguns testemunhos de homens, mulheres e jovens do Concelho da Batalha, sobre a biblioteca móvel



Aida Maria Domingues Bento

35 anos | Auxiliar de Acção Educativa

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? A imagem que guardo é que era uma novidade irmos a um carro onde podíamos encontrar livros de todos os tamanhos e cores, todos arrumadinhos. Como não tinha acesso a muitos livros, esse era o único local onde os podia consultar.

Qual foi o livro que mais a marcou? O que eu gostava mais de ler (e ainda hoje se mantém) são livros de aventura e mistério.



Armando Sousa

50 anos |

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Lembro-me da carrinha vermelha que, quando chegava à aldeia, chamá-vos-lhe “pescadinha”.



Armanda Maria Vieira Conniot

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Recordo-me de uma carrinha bege, cuja chapa era canelada e tinha uma parte que parecia acrescentada. O interior tinha prateleiras de madeira e havia sempre um senhor atrás e outro à frente. O cheiro era característico dos livros.



Teresa Mira

45 anos | Professora do 1º CEB

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? É uma imagem muito agradável, era a forma que tínhamos de ler e sonhar.

Qual foi o livro que mais a marcou? Para ser sincera, não me lembro. Perdi a conta ao número de livros que requisitei. O género que mais requisitava era, provavelmente, os Atlas sobre o reino animal/corpo humano, aventuras e romances.



Eleutério da Silva Conniot

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? No interior existiam prateleiras em madeira com os livros muito arrumados.

A importância das Itinerantes residia no “conhecimento” que nos trazia num campo além fronteiras que chegava de tempos a tempos.



Benildo Filipe
68 anos | Empresário

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Saudades do tempo que passámos juntos e muito unidos. Eram importantes para nós aqueles encontros com a Biblioteca Itinerante.



Alexandrina Sereno
18 anos | Estudante

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Lembro-me de ir a correr para ser a primeira a entrar na carrinha. Desde pequena que adoro ler e foi através da Itinerante que descobri este gosto.



Carminda Silva Filipe
57 anos | Doméstica

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Guardo em mim uma grande nostalgia dos anos 60. Esperáva-mos a vinda do carro-biblioteca à nossa aldeia com grande alegria. É com grande prazer que continuo a ir à Biblioteca.



Manuel Silva Filipe
66 anos | Reformado

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? O tempo de uma geração muito unida. Lembro-me bem do Sr. Eduardo e da chegada da carrinha a São Mamede.

Qual foi o livro que mais o marcou? “ARosa do Adro” e “Amor de Pedrição”



Paulo Jorge Coelho Carreira
43 anos | Desenhador

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Jorge Luís Borges disse “sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de livraria”. Eu digo o mesmo para uma biblioteca. E a Itinerante, já lá vão tantos anos, era para mim um pequeno paraíso. Um pequeno paraíso sobre rodas pelo qual esperava ansiosamente.



Lúcia Mónica Duarte
25 anos | Cabeleireira

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? A acessibilidade e a rapidez com que a carrinha chegava aos locais.

Qual foi o livro que mais a marcou? “A colecção de “Uma Aventura”.



Manuel Jesus Caetano

68 anos | Carpinteiro

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Guardo muito boas recordações da Biblioteca Itinerante.

Qual foi o livro que mais o marcou? Os livros de Júlio Dinis e relacionados com Geografia.



Ana Margarida

23 anos | Fisioterapeuta

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Lembro-me da carrinha vermelha, com degraus e um corredor estreito. O interior era revestido de prateleiras com livros prontos a ser requisitados. Todos alunos da Escola das Torrinhãs iam à Biblioteca.



Júlia Maria Marques Casimiro

45 anos | Bancária

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Lembro-me de estar à espera, ansiosa pela minha vez de escolher um livro, que me faria sonhar e “andar nas nuvens” durante algum tempo. Com a Biblioteca Itinerante aprendi que os livros são um bem precioso e que é preciso estimá-los-



Maria Fernanda Rosário Machado

55 anos | Copeira

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Naquele tempo, e para quem gostasse de ler, era a única opção que existia. A Itinerante tinha livros muito bons.

Qual foi o livro que mais a marcou? Acho que foi o “Amor de Perdição”.



Miguel Carvalho

15 anos | Estdante

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? A imagem que tenho da Biblioteca Itinerante é a de um serviço prático e cómodo no qual era permitido a requisição e entrega de livros, sem ter de sair da Escola nem de percorrer distâncias relativamente grandes.



Isabel Margarida Alves Costa Faria

38 anos | Secretária

Qual a imagem que guarda da Biblioteca Itinerante? Guardo boas recordações, uma vez que era sempre com grande expectativa que aguardava a Biblioteca. Sentia-me feliz por poder ter acesso aos livros que naquela altura desejava.

Ficha técnica:
Município da Batalha
Divisão da Educação, Cultura e Desporto
Sector da Biblioteca

Equipa de Trabalho:
Anabela Rodrigues, Catarina Coelho,
Carla Matos, Marta Antunes e
Vera Miguel

Apoio na organização do I Encontro
Internacional de Bibliotecas
Itinerantes da Batalha:
Fundação Calouste Gulbenkian

Apoios:
ACLEBIM
Roberto Sotto Aranz
Ian Stringer
Rui Neves
Nuno Marçal

Agradecimentos:
Eduardo Oliveira
Professora Fátima Gaspar
(Recolha de depoimentos)
Rita Bagagem
Alunos da Escola Secundária da Batalha

Batalha, Junho de 2009




**BIBLIOTECA
DA BATALHA**
À DESCOBERTA DO SABER